

Narrativas de viagens de Amélia – Baronesa de Três Serros – ao Rio de Janeiro

Dalila Rosa HALLAL¹

LetyciaRosa GRILL²

Resumo: O artigo tem por objetivo analisar as narrativas de viagens realizadas por Amélia - Baronesa de Três Serros ao Rio de Janeiro. Os relatos se deram através das trocas epistolares que aconteciam entre Amélia, a Baronesa e sua filha, Sinhá. Foram analisadas as cartas trocadas entre Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel e sua filha Sinhá, no período de 1885 a 1909, onde se ressaltou os aspectos sobre as viagens de Amélia ao Rio de Janeiro. A família Antunes Maciel residiu em Pelotas - RS durante o final do século XIX e início do século XX, considerada uma das famílias mais importantes da cidade. A análise foi feita de maneira descritiva dialogando com a teoria. Nas missivas pode-se observar o cotidiano de uma mulher da elite que, após sua viuvez, passa a viajar constantemente para o Rio de Janeiro, principalmente durante o inverno, que o clima era mais favorável. Através das cartas detectou-se que os principais motivos das viagens da Baronesa para o Rio de Janeiro era o clima e para tratamentos de saúde. Além disso, foi possível ressaltar as percepções da Baronesa sobre as viagens realizadas no período analisado.

Palavras-chave: Viagens. Trocas Epistolares. Rio de Janeiro.

Introdução

As viagens configuram-se como importantes meios de trocas de culturas que são realizadas desde os primórdios da vida humana. No fim do século XIX e início do século XX as viagens começaram a se tornar mais comuns, mas ainda eram realizadas principalmente por uma elite, que podia exaltar seu poder e agregar cultura e refinamento através dessas práticas.

Neste trabalho buscou-se analisar as viagens realizadas por Amélia - Baronesa de Três Serros, relatadas através das trocas epistolares que aconteciam entre Amélia e sua filha, Sinhá. Além disso, verificou-se os locais visitados por Amélia, quais os motivos para estas viagens e quais eram as percepções da Baronesa sobre o Rio de Janeiro.

Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel nasceu em 1848. Aos 15 anos casou-se com Aníbal Antunes Maciel. Ao se casarem fixaram residência em Pelotas - RS, em um Solar presenteado pelo pai de Aníbal (PAULA, 2008).

Amélia tornou-se Baronesa, pois seu marido recebeu, através do Decreto Imperial de 26 de julho de 1884, o título de Barão dos Três Serros pela decisão de libertar seus escravos. Contudo, após três anos desse fato, Aníbal falece, deixando Amélia sozinha com oito filhos (PAULA, 2008).

Com isso, após alguns anos de sua viuvez, Amélia decide passar por longas temporadas no Rio de Janeiro. Sua filha mais velha Amélia Aníbal Hartley Maciel, conhecida como Sinhá,

¹ Doutora em História – PUCRS, Mestre em Turismo – UCS. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: dhallal@ufpel.tche.br.

² Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: letyciagrill@hotmail.com

em 1890, casa-se com seu primo Lourival Antunes Maciel e decide morar na casa de seus pais (PAULA, 2008).

A partir desse momento, ao se afastarem, mãe e filha passam a trocar cartas, a fim de se sentirem mais próximas. Por este fator as cartas tornavam-se meios de estreitar os laços entre a família, pois nelas eram discutidos variados tópicos, abordando informações de todos os familiares. As cartas abordavam diversos assuntos, como saúde, aniversários, mortes, relatando assim as notícias dos familiares, e também se destacavam as conversas sobre o cotidiano da vida da Baronesa, além das finanças e da política. No entanto, o foco deste estudo recai sobre as viagens realizadas por Amélia ao Rio de Janeiro.

Paula (2008) em seu trabalho aponta que Amélia escreveu um total de cento e cinquenta e uma cartas, no período compreendido entre 1885 e 1918, sendo que destas missivas, “duas foram endereçadas a uma prima, duas foram remetidas ao genro Lourival e as demais tiveram como destinatária a filha Amélia Aníbal Hartley Maciel, a Sinhá.” (PAULA, 2008, p. 19)

Assim, julgou-se importante analisar as missivas de Amélia, pois são poucos relatos de viagem de mulheres e raros estudos sobre suas percepções sobre as viagens e o mundo, pois, em sua maioria, foram relatados através das narrativas dos homens.

Através de uma pesquisa no acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa (MMPB) identificou-se cento e quarenta e cinco cartas, nas quais foram analisados os aspectos relacionados às viagens de Amélia ao Rio de Janeiro no período de 1885 a 1909. A seleção das epístolas foi feita através da leitura de todas as cartas disponíveis no acervo e escolhidas as missivas que continham informações sobre as viagens de Amélia ao Rio de Janeiro. Estes documentos se encontram disponíveis no Museu Municipal Parque da Baronesa, que era o Solar em que a família Antunes Maciel viveu no final do século XIX e início do século XX. As cartas foram analisadas de maneira descritiva dialogando com a teoria.

A fim de adentrar a casa e tentar reconstruir as vivências de viagens, o turismólogo pode fazer uso de fontes por muito tempo relegadas ao segundo plano. Jogadas no sótão ou no porão, estas fontes não eram vistas como importantes, constituindo uma documentação menor. Cartas, diários, bilhetes, livros de memórias e anotações constituem o caudal da documentação privada que é por vezes muito dispersa e fragmentada. (MÜLLER, PAULA E HALLAL, 2012, p. 5)

As cartas são uma fonte importante para apontar as viagens de Amélia, pois são fonte documental por excelência:

A carta serve de suporte para o registro ou descrição de acontecimentos cotidianos – relativos ao trabalho, ao corpo e aos sentimentos, por exemplo – assim como favorece o exercício de um pensamento reflexivo sobre si mesmo ou a respeito de algum assunto, guardando algumas especificidades. (GONTIJO, 2005, p. 265)

Conforme afirmam Müller, Paula e Hallal (2012, p. 1):

As correspondências podem nos revelar vários aspectos da história das viagens, tais como, os itinerários, os destinos, as impressões sobre o local

visitado, os motivos das viagens, o retorno, o perfil dos viajantes, os serviços utilizados, o olhar do viajante, hábitos, bens materiais, saberes e culturas, os significados sociais das viagens, algumas consequências econômicas, sociais e culturais desse processo, dentre outros aspectos.

As cartas eram uma prática bastante comum, principalmente, no cotidiano da elite no final do século XIX e no início do século XX. Nas correspondências produzidas por mulheres da elite destacam-se um cotidiano rico em atuações diversas para além do espaço doméstico e religioso.

As mulheres se utilizavam das cartas para que pudessem escrever um pouco sobre sua vida e partilhar umas com as outras estes acontecimentos. Gastaud (2009) ressalta que essa troca epistolar é fundamentalmente do cotidiano feminino, os homens estão constantemente presentes nos assuntos das cartas, mas quem as escreve é a mulher, em sua maioria. Sendo assim, Michelle Perrot (1989, p.14) afirma que “a memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, não-oficial”.

Fonseca (2007) aponta que as cartas são documentos e objetos históricos ao mesmo tempo, instigando além do que foi visto durante o percurso, o imaginário e as representações que sucederam na viagem. Relata que não podem ser trabalhadas somente como um simples relato, mas sim “em conjunto com as viagens, como espaços de sociabilização, formação e treinamento de remetentes e destinatários” (FONSECA, 2007, p.147).

Esta autora ainda destaca em sua análise que receber, ler e divulgar as cartas se revestem de importância na vida da elite oitocentista. Além disso, ressalta que geravam ansiedade quando estas demoravam a chegar, tornando essa prática uma forma de suportar as distâncias e a longa duração das viagens.

As viagens estão relacionadas a um comportamento coletivo, pois nessa época a elite costumava desfrutar de viagens para diversos locais, ostentando seu poder e prestígio. Em Pelotas, essa elite se caracterizava basicamente pelos charqueadores, criadores de gado e atividades complementares a estas. As viagens também são práticas corriqueiras da elite pelotense, onde, principalmente, os filhos dos grandes charqueadores faziam viagens para diversos locais, assim como afirma Magalhães (2012, p.85) “muitos dos nossos jovens, durante o século XIX, transferiram-se para os grandes centros, indo estudar em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Recife, nos Estados Unidos e na Europa”. Desse modo, Amélia, a Baronesa dos Três Serros, objeto deste estudo, casada com um grande criador de gado, fazia parte desta elite pelotense que podia desfrutar das viagens para conhecer diversos locais.

A família Antunes Maciel se insere na história das grandes famílias que marcaram história na cidade de Pelotas. Aníbal Antunes Maciel, um bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, de família importante e influente econômica e politicamente em Pelotas, criador de gado para abastecer as charqueadas, possuindo muitas terras no Brasil e fora do país também (SCHWANZ, 2011), em 1864 uniu-se em matrimônio com Amélia Hartley de Brito, uma jovem de família rica, que é a protagonista deste estudo – para fixar residência no

sul do país durante o final do século XIX e início do século XX. Nesta união os Barões tiveram um total de quatorze filhos (PAULA, 2008).

Em 1884 Aníbal Antunes Maciel recebe o título de Barão, pois libertou seus escravos, em Pelotas, antes mesmo da assinatura da Lei Áurea (PAULA, 2008). A Baronesa de Três Serros, em 1887, três anos após seu marido ser agraciado com este título, fica viúva, deixando-a sozinha com oito filhos. Amélia passa a cuidar de grande parte dos afazeres da casa.

Após este fato e com o casamento da sua filha mais velha Sinhá, que passa a morar com o marido Lourival no Solar de seus pais, a Baronesa decide ir passar um tempo no Rio de Janeiro. Com isso, Amélia e sua filha passam a trocar cartas a fim de estreitarem os laços familiares.

Sinhá, como afirma Paula (2008, p.18), assume o papel de “porte-parole” ou “archivété de lamémoriefamiliale”, pois decide guardar as cartas que recebia de sua mãe, e também de outros membros da família, como de seus filhos quando estavam em viagem, preservando uma parte da história da família.

Nos invernos, Amélia e Sinhá costumavam se encontrar no Rio de Janeiro, pois com o frio intenso em Pelotas, o clima do Rio de Janeiro era mais propício durante esta estação, sendo assim, neste período não foi necessária a troca de epístolas entre mãe e filha. Este tipo de viagem era uma prática comum da elite pelotense, que no inverno costumava viajar para uma localidade com um clima mais ameno.

Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel faleceu em 1919, no Rio de Janeiro. Sua filha Sinhá faleceu em 1966, aos 97 anos (PAULA, 2008). O Solar dos Barões pertenceu à família Antunes Maciel por três gerações, sendo a primeira pelos próprios Barões, a segunda pela sua filha Sinhá e o marido Lourival e a terceira geração por Déa, neta dos Barões, filha de Sinhá e Lourival, que viveu na casa até meados de 1970. Déa, acabou indo morar no Rio de Janeiro, ficando o Solar abandonado.

Em 1978 a casa foi doada para a Prefeitura Municipal de Pelotas e passou por quatro anos de reformas. Tornou-se o Museu Municipal Parque da Baronesa em 1982, configurando-se como um local de lazer para as famílias e também um lugar de conservação não só da história da família Antunes Maciel, assim como dos usos e costumes da elite pelotense do final do século XIX e início do século XX.

Narrativas de viagens de Amélia ao Rio de Janeiro, a partir de trocas epistolares, no final do século XIX início do século XX.

Viajar segundo Fonseca (2007, p. 13) é “colocar-se em movimento, deslocar-se, distanciar-se.” A viagem possibilita conhecer novos locais a partir da sua visão perante o mundo e suas concepções sobre o mesmo.

Durante a viagem é possível ao viajante observar tudo aquilo que no cotidiano passa despercebido na vida das pessoas, oportunizando a compreensão de diversos lugares, possibilitando o entendimento sobre suas próprias ações e as de outro indivíduo.

[...] a experiência da viagem é importante para o ser humano, pois se configura como um momento sagrado, de transformação, de encontro com o próprio eu, de descoberta da diversidade e da identidade. A viagem é uma necessidade transformadora. Os relatos de viagem e a literatura sobre viagens criam e reforçam a idéia da viagem como ação humana importante para a formação do homem. (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004, p. 179)

Através das cartas escritas por Amélia, era possível o contato mais frequente entre mãe e filha. Por estarem distantes, essas trocas possibilitavam uma aproximação, além de ser um meio de compartilhar os assuntos gerais e familiares, pois as cartas tornam presentes os ausentes, de aproximar aqueles que estão distantes.

Essa constatação reforça que as cartas são uma fonte inesgotável de informações sobre as viagens, pois nelas constam subsídios de estudo pertinentes sobre as atividades e percepções que o viajante tem durante o percurso e no local visitado.

Ao analisar as cento e quarenta e cinco cartas da Baronesa, de abril de 1885 ao mês de setembro de 1918, foram selecionadas para realização deste trabalho aquelas que se referem as viagens de Amélia para o Rio de Janeiro, que apontam diversas visões e sensações sobre as viagens, os locais visitados pela Baronesa no Rio de Janeiro. Nas cartas aparecem outras viagens de Amélia à São Paulo, Curitiba, Montevideu, Buenos Aires, dentre outros, no entanto, o deslocamento mais frequente foi de Pelotas ao Rio de Janeiro. Estas viagens eram, em sua maioria, realizadas durante o inverno, pois, para ultrapassar esta estação, o Rio de Janeiro dispunha de um clima mais agradável que no sul do país.

Na primeira carta que está disponível para pesquisa, Amélia ao enviá-la à sua prima³, em 1885, se refere ao frio da cidade de Pelotas: *“pois como sabe isto por aqui é muito triste no inverno assim passamos mais distraídos”*⁴. As distrações que foram destacadas pela Baronesa, na epístola, são as visitas de familiares e amigos que eram muito constantes.

Schwanz (2011) identifica, em sua análise sobre as mulheres da família Antunes Maciel, as constantes viagens da família para o Rio de Janeiro ao abordar a infância de Déa.

Déa passou sua infância em constantes viagens entre Pelotas e o Rio de Janeiro. O costume da família, de passar os invernos no Rio, proporcionou a ela uma educação diferenciada das meninas pelotenses, tornando-a, segundo relatos, uma moça fascinante para a sociedade local. (SCHWANZ, 2011, p.125-126)

Em abril de 1899 a Baronesa de Três Serros enviava a Sinhá, que se encontrava em Pelotas, notícias de sua estada em Paquetá. Amélia, nessa viagem, constata que: *“há lugares aqui lindíssimos! A tão decantada pedra de – “Moreninha”, é lindíssima!”*⁵. Nesta ocasião a Baronesa estava acompanhada de: *“Dulce, Leonel, Pipo, e família, já fôrão para Cidade,*

³Amélia não se refere para qual prima esta carta foi redigida e nem a localidade que a destinatária se encontrava.

⁴Carta da Baronesa. Pelotas, 04 de julho de 1885.

⁵Carta da Baronesa. Paquetá, 17 de abril de 1899.

*estando agora conosco, Bêbê Nico e Fernanda, e Titia que veio hoje, passar uns 8 dias comigo*⁶.

Paquetá é uma ilha do Rio de Janeiro, atualmente conhecida por diversos pontos turísticos, além disso, “Paquetá evoca a imagem de simplicidade e harmonia, quando acionadas as interpretações cujas bases encontram-se no romance *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo (1997)” (LEITÃO, 2013, p.16). Outro fator para viagens à Paquetá são os banhos de mar para tratamentos de saúde, como relatado pela própria Baronesa, em 1909, que através dos banhos de mar Irene, sua companheira de viagem na ocasião, se sentia melhor após ir à Paquetá para este fim: “*Ella estava tão magra e fraca, que julguei bem doente, mas hontem veio vêr-me, e já encontrei diferença para melhor; creio que com os banhos de mar, em Paquetá.*”⁷. Naquela época eram frequentes os banhos de mar por recomendação médica, portanto no início do século XX o mar era utilizado, principalmente, para fins terapêuticos no Brasil. Assim como exemplifica Rocha (2008, p. 53):

Outro aspecto cultural importante das listras está ligado às transformações dos costumes, ocorridas na passagem do século XIX para o século XX. Consolida-se a idéia do banho de mar com fins terapêuticos, as praias começam a ser freqüentadas por recomendação médica.

As viagens da Baronesa e de seus familiares eram realizadas, principalmente, para tratamentos de saúde. Ao redigir carta para Sinhá, que se encontrava em Pelotas, em 1903, esta afirmação é revelada no momento em que Amélia sugere que Sinhá deveria viajar com as crianças para outra localidade, ressaltando que outros locais seriam melhores para a saúde dos netos: “*O melhor remédio para isso, é, como déves saber, a mudança de ares; porque não passas com elles, algum tempo fóra? Em Piratiny, ou m mo. A serra, lhes seriamt^o. proveitoso.*”⁸

Na primeira carta de 1900, a Baronesa envia notícias para Sinhá, que estava em Pelotas, sobre sua viagem para encontrar sua filha Boneca⁹ que estava doente:

Anciosa como estava para chegar, e tendo o vapôr grande demóra no porto de Santos, segui para S. Paulo, e tomei o noturno para o Rio, onde soube que Bonéca estava em casa do Justino. Do trem passei para a barca, e lá me aboletei, apesar de mt^o. constrangida, mas sem outro remédio.¹⁰

Sendo assim, pode-se identificar que o percurso tinha muitas dificuldades, pois necessitava de vários meios de locomoção para chegar a seu destino. Além disso, estas dificuldades deixavam Amélia cansada e por este fator, quando não precisava se deslocar comentava que se livrava de: “*uma viagem encommoda, e dispendiosa.*”¹¹. Os problemas com enjoos e vômitos eram frequentes durante o percurso, fazendo com que a viagem se

⁶Carta da Baronesa. Paquetá, 17 de abril de 1899. Foi mantida a grafia original das cartas de Amélia.

⁷Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

⁸Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1903.

⁹Boneca é o apelido de Felisbina A. Maciel, filha da Baronesa e do Barão de Três Serros, que faleceu no ano de 1900.

¹⁰Carta da Baronesa. São Domingos, 20 de setembro de 1900.

¹¹Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

tornasse ainda mais dificultosa para os passageiros. “Os sofrimentos a bordo pareciam não ter fim. Mulheres e crianças eram as maiores vítimas em potencial, mas todos passavam por dias terríveis de adaptação com freqüentesenjões, vômitos, cólicas, febres etc.” (FONSECA, 2007, p.63).

A maioria do tempo em que Amélia permanecia no Rio de Janeiro se hospedava em hotéis. Por estar em constantes viagens de Pelotas ao Rio de Janeiro e também para outras localidades, optava por se hospedar em hotéis, o que não lhe agradava, seja pelo alto preço ou pelos serviços prestados pelo hotel, estando, dessa forma, constantemente à procura de uma casa para alugar. Em Outubro de 1903 Amélia já se encontrava no Rio de Janeiro e através das informações que continham na carta remetida à Sinhá, a Baronesa neste momento se mudou para uma casa, podendo ficar mais confortável:

“Felizmente já estou fóra do Hotel, que, apesar de ser mtº. bom, de alguma fôrma constringe, e sobre tudo fica muito dispendioso para quem como eu, tem sempre visitas , e portanto, mtº. extraordinários. Estou na rua Senador Vergueiro nº. 55C, onde me acho bem alojada, sendo a casa boa, e mtº. frêscas.”¹²

Pode-se supor que a qualidade dos serviços prestados por esses estabelecimentos não era adequada.

Ao remeter a carta do dia 26 de outubro de 1903 a Baronesa, através de seu olhar crítico, observa as melhorias que acontecem no Rio de Janeiro na época: “*Creio que o Rio, com os melhoramentos que vai tendo, se tornará para o futuro, um verdadeiro Paraíso! Chamão o Prefeito, o Dr. das Flôres, porque elle tem mandado ajardinar, todos os largos, que estavam por calçar.*”¹³ Esta análise sobre a cidade, feita por Amélia, demonstra os avanços que aconteciam no Rio de Janeiro durante o início do século XX. Em 1903 o prefeito do Rio de Janeiro foi Francisco Pereira Passos que marcou como o governante “bota-abaixo”¹⁴. Santos e Motta (2003) ressaltam que as grandes reformulações que aconteceram, principalmente no centro da cidade, nessa época, transformaram o Rio de Janeiro que tinha características de uma cidade colonial. A respeito do ajardinamento ressaltado por Amélia pode-se constatar que a “Prefeitura incluía o ajardinamento e a arborização de praças e ruas, a abertura de praças, a construção de três pequenos mercados, do Teatro Municipal e o Paço Municipal” (SANTOS; MOTA, 2003, p.19-20).

Além disso, Amélia, ao caracterizar a Rua Senador Vergueiro, onde havia alugado uma casa no Rio de Janeiro, resalta aspectos dos avanços mencionados: “*A rua é esplendida, principalmente agora, com os bonds eléctricos.*”¹⁵. Rocha (1997) aponta que “Os primeiros bonds elétricos que circularam cativaram o público com sua velocidade e limpeza,

¹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

¹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro 26 de outubro de 1903. Grifo da Baronesa.

¹⁴ “Bota-abaixo” é o termo utilizado para se referir as reformas feitas por Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906. Pereira Passos ficou conhecido por executar uma grande reformulação no Rio de Janeiro, onde ajardinou, alargou e abriu ruas, tendo que demolir muitos imóveis, para tornar o Rio, dessa forma, uma cidade mais moderna. (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2002).

¹⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1903.

comparados aos antigos meios de transporte” (ROCHA, 1997, p.72). Esta afirmação está elucidada na carta da Baronesa quando exalta a beleza da rua a partir dos bondes elétricos. Pires (2012) ao retratar o histórico dos bondes no Brasil aponta que “O sistema de bondes elétricos inicialmente foi implantado no Rio de Janeiro, nas zonas central e sul da cidade e, posteriormente, se expandiu para a zona norte e oeste” (PIRES, 2012, p.7).

Observa-se em missivas posteriores que Amélia, além de ressaltar a respeito dos bondes, comenta sobre o estado sanitário do Rio de Janeiro: *“Hoje todos os bonds, inclusive os Carris Urbanos, são electricos. O estado sanitario aqui, é o melhor possível, como verás pelo jornal que vai separado, junto com os das creanças. Oxalá, que assim se conserve, por todo o verão.”*¹⁶

Em julho de 1906 a Baronesa encontrava-se novamente no Rio de Janeiro esperando a chegada de Sinhá e Lourival, para que passassem o inverno na cidade. Amélia, que estava novamente hospedada em um hotel no Rio, procurava alguma casa que pudesse abrigar a família durante este período, ressaltando a dificuldade de encontrar uma moradia adequada.

Sendo assim, tenta solucionar o problema convidando-os para se hospedarem provisoriamente no Hotel em que ela está morando: *“Este Hotel, (onde estou parando) é só de familias; mtº. socegado, a casa é bôa, e o tratamento. A comida, é bem feita, e igual á das nossas casas, pois não uzamaquelletempêroproprio dos hotéis.”*¹⁷. Além disso, reafirma a vontade de que a família venha visitá-la, pedindo que Sinhá diga à Lourival que: *“se anime e venha, que estou certa mtº. gostará, vendo as bellezas do nosso Rio de Janeiro.”*¹⁸

Embora Amélia não aponte as belezas do Rio de Janeiro, neste período, a cidade era o local mais desenvolvido do País. O Rio de Janeiro, no início do século XX, caracterizava-se como uma cidade promissora, onde havia a possibilidade de encontrar os locais mais apropriados para visitar, estudar e viver. Não só por ser a capital do País, mas também por suas belezas naturais que começavam a ser exploradas por diversos viajantes que estavam conhecendo a cidade.

Os locais mais visitados não eram os mesmos de atualmente, como as praias, o Corcovado e o samba. Como a entrada da cidade era pelo porto, a visão do viajante começava pela Baía da Guanabara, após era localizado o Pão de Açúcar, um dos pontos mais conhecidos do Rio de Janeiro. Todavia, a partir do século XX o Rio de Janeiro começou a tornar-se turístico e conhecido mundialmente. Freire-Medeiros e Castro (2013, p.33) ressaltam que *“As narrativas e imagens turísticas das primeiras décadas do século XX conduziam o olhar dos turistas a partir da baía da Guanabara e do porto, por onde vinham os navios que traziam a maior parte dos visitantes da cidade”*.

Em um folheto informativo da companhia de Thomas Cook de 1908, são propostas experiências durante a viagem ao Rio de Janeiro:

¹⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.

¹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

¹⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

Passeio de carruagem pela cidade, visitando a rua do Ouvidor, o famoso distrito de compras, os lindos parques, museus, o surpreendente interessante mercado, a catedral e outras belas igrejas, os imponentes edifícios públicos, Botafogo e o Jardim Botânico (considerado o mais belo do mundo com exceção do de Java). Um passeio ao Corcovado, um célebre arrabalde do Rio, será feito de cremalheira. A vista do cume do Corcovado é considerada por viajantes uma das mais magníficas do mundo. Uma excursão será feita de navio a vapor em meio a centenas de ilhas na famosa baía. Viagens de bonde para Tijuca, Santa Teresa e Sumaré, os lindos arrabaldes nas montanhas. Uma excursão de balsa e trem será feita a Petrópolis, no alto da Serra dos Órgãos, uma cidade linda e elegante, onde estão localizadas as missões diplomáticas estrangeiras. (THOMAS COOK GROUP, 1908, apud FREIRE-MEDEIROS; CASTRO, 2013, p. 15)

Destes locais destacados no folheto, um deles é registrado nas missivas de Amélia, sendo ele, a Rua do Ouvidor que era um local de compras no Rio de Janeiro. Conforme De Paoli (2012), era a Rua onde estava exposta a moda e a elegância do Rio de Janeiro, no início do século XX. Amélia se refere ao local ao ver, na Rua do Ouvidor, um “*collête*” para Sinhá: “*Estou anciosa pelas tuas medidas; [...] para mandar fazer-te um collête, por um modelo que está exposto na rua do Ouvidor, do qual mt^o gostei.*”¹⁹₃₃. Além da Rua do Ouvidor, Amélia costumava passear em diversas ruas do Rio de Janeiro para encontrar as roupas, móveis e objetos para si e para o restante da família, que muitas vezes faziam encomendas para a Baronesa.

Na carta de fevereiro de 1907 endereçada a Sinhá, Amélia explicou que saiu do Rio de Janeiro para ir a Curitiba, realizando novamente uma viagem: “*embarco d’aqui á 2 horas para Curityba*”²⁰. Na mesma carta, não deixa de relatar sobre o carnaval do Rio, que mesmo não saindo do hotel para vê-lo, através de comentários, pode afirmar que “*estive deslumbrante*” e que seus netos Rubens e Zilda, que encontravam-se em Pelotas, iriam gostar da festa. O Carnaval no Rio de Janeiro, do fim do século XIX e início do século XX, não se caracterizava como algo organizado e tampouco havia as escolas de samba. Era característico, nessa época, um carnaval de rua, onde diversas classes sociais, em seus grupos, saíam às ruas para curtir o evento. Gonçalves (2006, p.71) em sua obra enfatiza que:

Os desfiles das grandes sociedades datam de 1859, permanecendo em menor número até meados da década de 1950. Foram, até a segunda década do século XX, a principal expressão carnavalesca. Eram luxuosas e cumpriam um longuíssimo itinerário pela cidade do Rio de Janeiro, saindo de suas sedes no Catete, percorrendo as ruas centrais da cidade durante os três dias de carnaval, atraindo grande número de pessoas às ruas.

O maior fluxo de trocas entre Amélia e Sinhá ocorreu em 1909, que por diversos motivos não puderam se encontrar neste ano. Desde a primeira carta redigida pela Baronesa, identificam-se dificuldades para conseguir casa no Rio de Janeiro para a família, pois ou as casas estavam com preços altos, e a Baronesa desistia de alugá-la, ou o dono

¹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1903.

²⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1907.

alugava a casa para outro inquilino sem comunicá-la da decisão. Outra dificuldade enfrentada e detalhada por Amélia é sobre as condições de transporte que a família enfrentaria se caso não optassem ir para o Rio de Janeiro nos “Camarotes de Luxo” do vapor “Sírio”, estes que deviam ser os locais mais requintados do vapor. A Baronesa define minuciosamente como são os vapores e suas acomodações, demonstrando que pelo fato de viajar para diversos locais, conhece como são suas qualidades e precariedades:

“o Camaróte de luxo, do Sirio, já tinha sido tomado em Porto-Alegre, para esta 1ª. Viagem, e que era justamente, a em que vocês devem vir. Realmente, os outros camarótes pequenos é um horror, com tantas creancinhas. Os Camarótes de luxo, dos outros vapôres, também são maos, porque o ‘guindaste’ fica junto, e nos portos, é insuportavel, mas em todo caso, é mtº. melhor que os pequenos: pelo menos, pódés estar com todos reunidos.”²¹

Outras informações sobre o vapor “Sírio” foram somente encontradas em uma página, onde um jogador de futebol, do Sport Club Internacional, embarcou neste vapor em Porto Alegre para o Rio de Janeiro em 1909: “15.10 (1909) - Jogador Antenor Lemos viaja pelo vapor Sírio ao Rio de Janeiro, a recreio, devendo jogar no Fluminense ou no Botafogo durante o período de sua ausência de Porto Alegre.” (SPORT CLUB INTERNACIONAL, 2007).

Em 04 de maio de 1909 Amélia ao redigir para a filha Sinhá epístola sobre as casas que procura para a vinda da família ao Rio de Janeiro, faz um comentário referente a comida do Hotel em que está hospedada: “*Este hotel ultimamente está cozinhando tão mal, que até n’esse sentido, tenho sofrido*”²². Amélia constantemente narra sua insatisfação em relação a sua estada em hotéis, e, algumas vezes, relata sobre a falta de qualidade nos serviços e sobre a péssima alimentação.

Em sua próxima carta, de 06 de maio de 1909, a Baronesa responde à Sinhá com desapontamento sobre a decisão de Lourival de não ir para o Rio de Janeiro, pois seu desejo era encontrar sua filha. Portanto, as viagens eram um meio da família se encontrar, já que a Baronesa estava no Rio de Janeiro e o restante da família em Pelotas.

Mesmo que a família não pudesse ir viajar, Amélia gostaria de encontrar uma casa para si, pois reafirma a reclamação do hotel, já observada anteriormente. Ainda ressalta que caso necessitasse voltar ao Sul poderia alugar a casa adquirida, pois com a população do Rio de Janeiro aumentando, alugaria facilmente o imóvel. Além disso, pode-se supor, através de seu relato, que Amélia hospedava-se em diferentes hotéis. “*Si de todo Lourival não quizer vir, aviza-meigualme. Para que eu tome uma casa pequena para mim, pois que esta vida de hotel, além de mtº. dispendiosa, pois tudo é extraordinario, só serve para passar poucos dias. Este agora, tem uma cosinha péssima!*”²³

Na carta de 8 de junho de 1909, Amélia redige sobre uma Exposição norte-americana, que ocorrerá no Rio de Janeiro, o que encantaria tanto crianças como adultos: “*dissem que é*

²¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

²² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

²³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

*esperado um Norte Americano, que traz para a exposição, todas as qualidades de divertimentos uzados em New York, para creanças, e adultos.*²⁴. Através dessa afirmação acredita-se que a Exposição a qual Amélia se refere, seja a Exposição Internacional de Higiene que ocorreu em 1909 no Rio de Janeiro, conforme apontado por Almeida (2006) que realizou estudo sobre este evento. Segundo o autor esta exposição ocorreu em decorrência do 4º Congresso Médico Latino-Americano, e que foi ressaltado nas cartas da Baronesa para Sinhá, quando afirma que Tancredo, médico e marido de sua filha Talú deveria ter ido: *“Infelizmente, Tancredo veio ao Rio, quando não devia; e agora que tinha ocasião de aparecer, vindo ao Congresso Medico, não o fez.”*²⁵

Além disso, comenta sua percepção sobre a Exposição ao passar em frente, durante um passeio de bonde:

Hontem á noite, fui dar um passeio de bond, e fui até a porta da Exposição (não me apeei) Fiquei deslumbrada, com o aspecto da mesma! É como dizia a prima Chiquinha, uma cidade encantada! Parece q. os edificios, são feitos de luz. Uma verdadeira beleza!²⁶

Almeida (2006) afirma que a Exposição, mesmo sendo destinada a assuntos científicos tinha outro intuito, pois chamava a atenção do resto da população para visitar o evento.

Uma outra faceta pouco associada aos eventos científicos, mas que as exposições tiveram, foram os atrativos para chamar a atenção do público. Em boa parte, eram divertimentos apreciados naquela época, o que denota a crescente preocupação por parte dos organizadores destes eventos em atingir setores mais amplos da sociedade que não somente os especialistas. (ALMEIDA, 2006, p.9)

Outro apontamento de Amélia escrito em suas epístolas são a respeito do que observa sobre o Rio de Janeiro. Entre suas visitas analisou locais que despertaram sua atenção e descreveu para Sinhá sua visão sobre o lugar: *“Um dia d’estes, ou antes, uma noite, vindo de uma visita em Botafogo, fui até a cidade, e ao passar pelo- Theatro Municipal- fiquei encantada com que o pouco de passagem, pude vêr!”*²⁷. Além de suas próprias observações, percebe-se que as impressões são compartilhadas entre aqueles que também visitam os mesmos locais. Ao referir-se sobre o Theatro Municipal retrata os comentários de quem o frequentou: *“Catúca foi a um recital da Réjane, e ficou maravilhada de tanta riqueza.”*²⁸. O Theatro Municipal do Rio de Janeiro foi inaugurado no dia 15 de julho de 1909, e conforme afirma Forte (2006) era o local que ainda faltava para a cidade do Rio de Janeiro. Nos jornais da época estava a notícia de inauguração do Theatro: *“A sociedade fluminense vai hoje assistir à inauguração do suntuoso monumento de arte que é o Teatro Municipal e, ao mesmo passo, assistir a um espetáculo exclusivamente nacional.”* (A NOTÍCIA, 14 de julho de

²⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.

²⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.

²⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.

²⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1909.

²⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1909.

1909, apud FORTE, 2006, p.33). Pode-se constatar que logo após a inauguração do Theatro, Amélia teve a oportunidade de conhecê-lo e Catúca²⁹ assistiu um dos primeiros recitais, o que demonstra que estavam frequentemente atentas ou participando da vida social carioca.

Dessa forma, é possível identificar os principais lugares que Amélia frequentava no Rio de Janeiro, pode-se verificar que a Baronesa visitava locais em que toda a elite frequentava, estando sempre atenta às novidades que o Rio de Janeiro oferecia.

Considerações finais

As cartas são uma fonte significativa para conhecer uma parte da história de quem a escreve e, além disso, perceber como era o cotidiano do escrevente e do destinatário. Nas cartas de Amélia, foi possível analisar muito sobre suas viagens, os motivos das viagens, os locais mais visitados durante o período estudado e as percepções da Baronesa sobre cada lugar.

O deslocamento mais frequente da Baronesa, durante 1885 a 1918, foi de Pelotas ao Rio de Janeiro. Percebe-se que Amélia, em suas cartas, comenta sobre os progressos e o cotidiano de sua vida enquanto permanecia no Rio e destaca frequentemente o progresso do Rio de Janeiro, relatando sobre as grandes reformas realizadas em 1903, sobre os bondes elétricos, o estado sanitário da cidade, que estava em processo de modernização nesta época.

Os locais mais visitados no Rio de Janeiro foram em passeios por diversas ruas para encontrar as roupas ou artigos para casa (muitas vezes encomendas de seus familiares que se encontravam em Pelotas), e costumava frequentar a Rua do Ouvidor, uma das ruas mais expressivas referente à moda no Rio de Janeiro. Ressalta visitas ao recém-inaugurado Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Amélia tinha um olhar crítico sobre os hotéis em que se hospedava no Rio de Janeiro e costumava comentar com Sinhá o que lhe agradava ou não. Além disso, pode-se perceber que tinha uma vida agitada, com muitas visitas, geralmente de parentes e de outros pelotenses que visitavam o Rio de Janeiro. Por vezes gostava das comodidades que um hotel lhe proporcionava, mas em certos momentos estava a procura de casas para poder acomodar toda a família da melhor maneira possível.

Outra observação analisada através das cartas foi de que Amélia não costumava sair para festas no Rio de Janeiro, ao mencionar o Carnaval do Rio, relata que só ouviu comentário sobre a festa, pois não saiu do hotel para ver a festa.

Em 1906 houve uma pausa nas trocas de cartas entre Amélia e Sinhá, assim constata-se que Sinhá e Lourival foram ao Rio de Janeiro, para passar o inverno na cidade, como era feito frequentemente pela família e por outros pelotenses.

Através das missivas de Amélia foi possível identificar as dificuldades das viagens naquela época, muitas causavam um grande incômodo, como enjoos e vômitos, o que dificultava ainda mais o encontro da família.

²⁹Catúca é provavelmente filha da cunhada da Baronesa, Flora. PAULA (2008).

Tratamentos de saúde, eram os principais motivos para viagens e Amélia e de sua família, que seguidamente saíam de Pelotas para cuidar de problemas de saúde.

Esta pesquisa possibilitou conhecer um pouco mais do cotidiano da vida de uma mulher que naquele período ficou viúva precocemente, e passou a organizar, mesmo viajando constantemente, a vida de sua família. Estava sempre atenta as notícias, preocupada com sua família, e querendo conhecer algo novo.

Salienta-se a riqueza de dados disponíveis nas cartas de Amélia,entanto, esse artigo é uma pequena parte das viagens de Amélia que estão sendo analisadas.

Referências

ALMEIDA, M. de. (2006). Entre Balões, Carrosséis e Ciências: A Exposição Internacional de Higiene na Capital Federal. In: 'USOS DO PASSADO' — ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, ANPUH, 12., 2006, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, p. 1-10.

DE PAOLI, P. (2012) Entre Continuidade e Ruptura: A Rua do Ouvidor nas

Reformas Urbanas do Rio de Janeiro (1902-1906). In: Seminário Internacional Urbicentros, 3., 2012, Salvador. *Anais...* Salvador, p. 1-19.

FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. (2004) Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Revista Novos Cadernos NAEA*, v. 7, n. 1, p. 155-188.

FONSECA, J. F. de M. (2007) *Correspondência de Viagem: Brasileiros da Europa Oitocentista/ 1855 a 1898*. 234f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FREIRE-MEDEIROS, B.; CASTRO, C.. (2013) Destino: Cidade Maravilhosa. In: CASTRO, C.; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. (orgs). *História do Turismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora FGV.

FORTE, A. M. S.. (2006) *Turismo Cultural no Rio de Janeiro: Um Ponto de Vista a partir do Theatro Municipal do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, R. de S..(2006) Os ranchos carnavalescos e o prestígio das ruas: territorialidades e sociabilidades no carnaval carioca da primeira metade do século XIX. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 71-80.

GONTIJO, R. (2005). História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: Soihet, R.; Bicalho, M. F. B. e Gouvêa, F. S. (Orgs.) (2005). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensaio de história*. Rio de Janeiro: Mauad.

LEITÃO, W. M.. (2013) Cordialidade e evitacoes nas ruas de paqueta: sociabilidade e organização social em um bairro carioca. *Revista Cuadernos de Antropología*, n. 9, p. 15-33.

MAGALHÃES, M. O. (2012) *Pelotas Princesa (livro comemorativo ao bicentenário da cidade)*. Pelotas: Diário Popular.

MÜLLER, D.; PAULA, D. C. de; HALLAL, D.. (2012) As Correspondências como Fonte para a História do Turismo. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 9., 2012. *Anais...* São Paulo, p. 1-15.

PAULA, D. C. de. (2008) *Da mãe e amiga Amélia: cartas de uma Baronesa*

para sua filha (Rio de Janeiro - Pelotas, na virada do século XX). 2008. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo.

PERROT, M.. (1989) Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.9, n. 18, p.09-18.

PIRES, H. F.. (2012) Imagens e História na Internet: Os Bondes, Patrimônio Brasileiro. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL - GLOBALIZACIÓN, INNOVACIÓN Y CONSTRUCCIÓN DE REDES TÉCNICAS URBANAS EN AMÉRICA Y EUROPA, 1890-1930. *Anais...* Barcelona, 2012, p. 1-22.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Memória da Destruição*. Rio – uma história que se perdeu (1889-1965). Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101439/memoria_da_destruicao.pdf

>. Acesso em: Agosto de 2013.

ROCHA, A. S. de S.. (1997) A sedução da luz: eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da Belle Époque. *Revista de História Regional* – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, v.2, n.2, p. 51-80.

ROCHA, E.C.da.(2008) *O Aspecto Social da Iconografia do Futebol e Estudo de Caso das Agremiações Desportivas Cariocas*. 2008. 155f. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, A. M. S. P.; MOTTA, M. S. da. (2003) O “bota-abaixo” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). *Revista Rio de Janeiro*, n. 10.

SCHWANZ, J. K.. (2011) *A Chácara da Baronesa e o Imaginário Social Pelotense*. 2011. 201f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. (2007) *Agenda Histórica* – Outubro, 2007. Disponível em: <www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=2&setor=18&codigo=5704>. Acesso em: Agosto de 2013.

FONTES PRIMÁRIAS

Carta da Baronesa – Pelotas, 04 de Julho de 1885.

Carta da Baronesa – Paquetá, 17 de Abril de 1899.

Carta da Baronesa – São Domingos, 23 de Setembro de 1900.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 06 de Outubro de 1903.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1903.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1903.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1903.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1906.

Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1907.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 04 de Maio de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 06 de Maio de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 08 de Junho de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.